

LIBERAL AMAZON

ARTE



com DNA da Amazônia

CONEXÃO - Da Marujada ao tecnobrega, de Parintins ao Sairé, manifestações culturais da região carregam, na identidade, as mais diversas tradições da floresta e dos povos originários, além de influências externas, como o ritmo caribenho

**LUCAS COSTA E
ENIZE VIDIGAL**

Se a Amazônia é um caldeirão cultural, é certamente um que nunca parou de fervilhar. Seja em Parintins, no Amazonas, em Belém ou Santarém, no Pará, por todos os lados, a formação cultural dos povos conversa diretamente com expressões que resultam de conexões e referências diversas, que desaguardam em manifestações exuberantes para os sentidos, principalmente os da visão e audição.

As apresentações artísticas mais conhecidas da Amazônia tem algo em comum: a conexão entre o som e o visual, mesmo que carreguem influências diferentes em sua formação, que podem depender do espaço físico, povos originários e interferências externas.

A Marujada de Bragança, no Pará, por exemplo, tem origem ancorada em heranças do período escravocrata. A festa em celebração ao padroeiro da cidade, São Benedito - o santo preto, tem seu início registrado no final do século 18, ligada a relações de permissividade na relação entre senhores brancos e escravos.

A festa religiosa carrega referências de todas essas relações, com heranças de territórios diferentes, que resultam em uma expressão que mescla religiosidade a uma tradição de dança e som. O retumbão, por exemplo, marca a manifestação musical da Marujada, alia instrumentos com origens diversas, como a rabeca, a zabumba e o triângulo; tudo isso é aliado ao visual único dos trajes tradicionais da Marujada, que têm cores diferentes dependendo do dia de festividade. As famílias passam semanas dedicadas à produção dessas vestimentas, já que elementos como o chapéu das Marujas têm flores delicadas feitas uma a uma com penas de pato.

Assim como a Marujada, outra manifestação alia o visual exuberante à música: o Festival de Parintins, no Amazonas, onde se enfrentam anualmente os bois Garantido e Caprichoso. O evento, desfiles cheios de elementos visuais e coreografias, carrega o nome da ilha onde ocorre oficialmente desde 1965, todo mês de junho.

No estado amazonense, origens e influências também se misturam. Caprichoso e Garantido são bois-bumbá, uma variação do bumba-meu-boi do nordeste brasileiro. E mesmo que a música que

dá o ritmo da festa seja a toada, desfiles e letras estão sempre repletos de referências a narrativas tradicionalmente amazônicas, levando às apresentações figuras indígenas, da floresta e também ligadas a religiosidade de povos originários.

O boi-bumbá também atravessa fronteiras e tem suas representações no Pará, como o Arraial do Pavulagem, que colore as ruas do centro de Belém durante o mês de junho e também em períodos pontuais do ano.

Outra festa amazônica que mistura religiosidade às expressões de exaltação do folclore e tradições é o Sairé, em Alter do Chão, Santarém, no oeste do Pará. A festa, que tem origens em missões jesuítas e cristãs de Portugal - que tinham o objetivo de evangelizar povos originários como os indígenas - acabou se tornando uma celebração que conversa com o cristianismo, mas também exalta elementos da religiosidade de povos originários, como os encantados da floresta, por exemplo.

Algo em comum entre grande parte destas manifestações, para além da conexão entre música e expressões visuais, são suas transformações ao longo do tempo, se mantendo vivas na contemporaneidade. Se a Marujada nasceu num período escravocrata, hoje pode expressar um vislumbre de representatividade negra dentro do cristianismo eurocêntrico, sem negar origens do povo negro no Brasil. Ou se o Festival de Parintins pode ser conectado com o nordeste brasileiro, é difícil não pensá-lo como uma representação contemporânea de povos amazônicos, assim como seus anseios. Da mesma forma, se o Sairé tem origem na colonização, hoje também exalta elementos da cultura de povos originários.

**Manifestações
artísticas da
Amazônia
possuem
conexão entre
o som e a dança,
e carregam
influências
diferentes em
sua formação**



ART

Culture with Amazon DNA

CONNECTION - From Marujada to tecnobrega, from Parintins to Sairé, cultural manifestations of the region carry the most diverse traditions of the forest and of the native peoples in their identity in addition to external influences, such as the Caribbean rhythm.

**LUCAS COSTA E
ENIZE VIDIGAL**
TRANSLATED BY
**SILVIA BENCHIMOL AND
EWERTON BRANCO**

If the Amazon is a cultural melting pot, it is certainly one that has never stopped boiling. No matter where...

...if in Parintins, Amazonas, Belém or Santarém, in the state of Pará, on all sides, the cultural formation of peoples directly dialogues with the art expressions that result from diverse connections and references, which flow into exuberant manifestations for one's senses, especially those of vision and hearing.

The best-known artistic presentations in the Amazon have something in common: the connection between sound and visual dimensions, even if they carry different influences in their constitution, which may depend on the geographic location [the territory], native peoples and external interference.

The event of Marujada in the municipality of Bragança - Pará, for example, has its origins anchored in inheritances from the slavery period. The festivity which celebrates the city's patron São Benedito - 'the black saint' has its beginnings in the late 18th century, inspired in the permissive relationships between white masters and their slaves.

The religious festivity holds references to all these historical relationships, with heritages from different territories. The result is a singular local expression that mixes religiosity with a tradition of dance and music. The retumbão [afro-Brazilian dance], for example, a hallmark of the musical manifestation of Marujada. The retumbão combines instruments from different origins, such as the fiddle, the bass drum and the triangle; all of this is combined with the unique look of Marujada's traditional costumes, which have different colors depending on the day of the festivity. Families spend weeks dedicated to producing these garments. One of these outstanding elements of Marujada is the Marujas' [the female dancer's] hat, which has delicate handmade flowers produced one by one with duck feathers.

Likewise, another event combines exuberant visuals with music: the Festival de Parintins [Parintins Folklore Festival], in Amazonas, where the Boi Garantido and Boi Caprichoso [respectively, the red and blue bulls] compete annually. The event, bearing the name of the island where it has been officially held since 1965, every month of June, involves parades full of visual elements and choreographies.

In the Amazon state, cultural references, origins and influences are also mixed. Caprichoso and Garantido are

the bois-bumbá in the Amazonas state, a variation on the northeastern Brazilian bumba-meu-boi [traditional Brazilian folklore dance, which tells the story of a bull, mixing dance, music and theater]. And even though the music that sets the rhythm of the celebration is the toada [a genre which preserves African characteristics], parades and lyrics are always full of references to traditionally Amazonian narratives, leading to presentations by indigenous and forest figures, as well as those linked to the religiosity of native peoples.

The boi-bumbá also crosses borders and is represented in Pará by Arraial do Pavulagem [typical musical group from the state], which colors the streets of downtown Belém during the month of June and also at specific times of the year.

Another Amazonian festival that mixes religiosity with exalted expressions of folklore and traditions is Sairé [traditional religious procession which carries huge poles and religious rites], in Alter do Chão, Santarém, in western Pará. The celebration originated from Portuguese Catholic Jesuit missions, whose purposes was to evangelize native peoples such as the indigenous peoples - ended up becoming a celebration that speaks to Christianity, but also exalts elements of the religiosity of original peoples, such as the 'enchanted beings' from the forest, for example.

Something in common among most of these cultural manifestations, in addition to the existing connection between music and visual expressions, is the transformation they go through over time, remaining alive in contemporary days. If Marujada was born in the slavery period, today it can express a glimpse of racial representation within Eurocentric Christianity, without denying the origins of the black people in Brazil. Or, if the Festival de Parintins can be connected with the Brazilian northeast, it is difficult not to think of it as a contemporary representation of Amazonian peoples, as well as their yearnings. Likewise, if Sairé has its origins in the colonization period and process, today it also exalts elements of the culture of native peoples.

**Artistic
manifestations
from the
Amazon have
a connection
between sound
and dance, and
carry different
influences in
their formation**

Folclores diversos, identidade única

As manifestações culturais amazônicas, que podem ser comparadas aos encontros de rios, que vêm de diversos lugares e desaguam formando identidades únicas, nunca pararam de correr. O músico Félix Robatto, que chegou a pesquisar a história da música do Pará como as origens da guitarrada, destaca que as manifestações musicais da Amazônia, mesmo quando não são necessariamente expressões tradicionais, carregam influências de seu território.

“O Pará, na verdade, é repleto de manifestações folclóricas diferentes, de carimbós diferentes. Tem o carimbó da região do Salgado, o carimbó de Icoaraci, do Marajó, tem o lundu, tem a Marujada, o retumbão, tem o boi. E Belém é um caldeirão, Belém parece que é onde tudo isso deságua”, analisa Félix.

O artista, que mora na capital paraense, acredita que o encontro de todas essas referências faz de Belém um território diferente para a criação. “Acho que tudo isso influencia muito no processo criativo, na interpretação do fazer cultural”, diz.

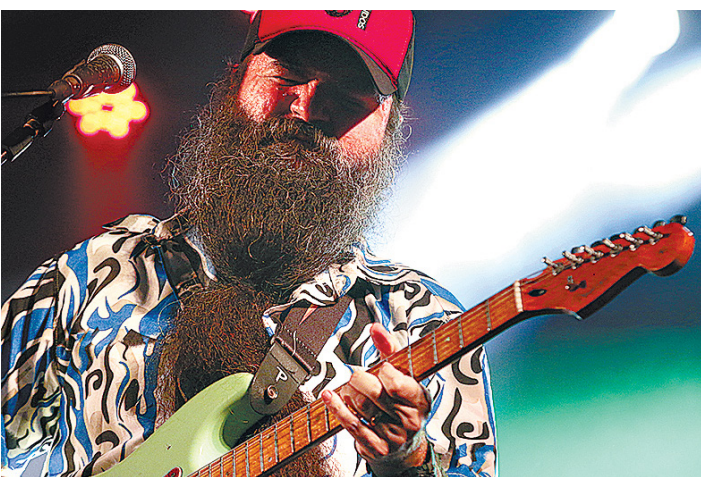
“Sempre falo que as bandas daqui, mesmo não fazendo um trabalho regional, conseguem fazer um diferencial só por serem daqui. Não é um pensamento bairrista, que o paraense é maioral. É que o nosso pensamento em relação a criação e cultura é diferenciado já. Tanto que vemos pessoas às vezes fazendo o mesmo gênero musical, um diferenciado do outro, mas dificilmente se confunde o artista”, explica Félix.

Layse Rodrigues, vocalista do grupo Layse e Os Sinceros, enxerga que essa produção, essa influência de território destacada por Félix, vem também de um aprendizado e contato com expressões culturais tradicionais. “Acaba que tudo se mistura, porque a gente aprende a dançar carimbó, a gente aprende a dançar lundu, os outros ritmos daqui”, analisa.

A artista, por exemplo, carrega em seu fazer artístico os Bailes da Saudade, outra manifestação onde o encontro de referências resulta em um ambiente que respira identidade amazônica.

“Com os ritmos populares que vieram do Pará, como o carimbó e o lundu, dois ritmos de se tocar pau e corda, misturados com as influências de rádio caribenha que a gente tinha, foi se criando essa mistura que é a nossa música de chão, essa música de tambor que é firme; e juntamente com as influências caribenhas que vieram com a guitarra, com o merengue, da música romântica, resultam nos bailes da saudade”, conta Layse.

Ritmos tradicionais, como o carimbó, receberam influência das músicas caribenhas, através das rádios



Félix Robatto, músico: Amazônia é um encontro de diferentes culturas, ritmos e tradições

Félix Robatto, musician: Amazonia is a meeting of different cultures, rhythms and traditions



Different folklores, unique identity

The Amazonian cultural manifestations can be compared to the encounters of rivers, which come from different places and flow into unique identities in a never-ending movement. Musician Félix Robatto, who has researched the history of music in Pará and the origins of guitar playing highlights that the musical manifestations of the Amazon, even when they are not necessarily traditional expressions, carry influences and marks from the territory.

“Pará is, in fact, full of different folklore expressions, with different marks. There’s the carimbó from the Salgado region, the carimbó from Icoaraci and from Marajó. There’s also the lundu, the Marujada, the retumbão, and the Boi-Bumbá [typical dances or rhythmic variations]. Belém, the capital is also a melting pot. It seems to be the destination where all this flows to”, analyzes Félix.

The artist, who lives in the capital of Pará, believes that the meeting of all these references makes Belém a different territory for creation. “I think that all of this has a lot of influence on the creative process, on the interpretation of the cultural action”, he says.

“I always say that bands here, even if they are not into regional work, they can make a difference just because they are from here. It’s not a narrow minded or exhibitionist thought about Pará state being the best. The thing is: the way we face and think culture and creation is different. So much so that we sometimes see people performing the same musical genre, yet, with peculiar marks, in such a way that the artist is hardly ever mistaken”, explains Félix.

Layse Rodrigues, vocalist of the group Layse e Os Sinceros, defends that this artistic production with the influence of territory as highlighted by Félix, also comes as a result of a learning process and from the contact with traditional cultural expressions. “It turns out that everything gets mixed up, because we learn to dance carimbó, we learn to dance lundu, and the other rhythms here”, she analyzes.

Layse carries in her artistic work, for example, the Bailes da Saudade [sort of nostalgic balls], another manifestation where the encounter of references results in an environment that reveals the Amazonian identity.

“The popular rhythms that come from Pará, such as carimbó and lundu, two patterns which combine stick drumming and string playing, mixed with the Caribbean radio influences that we had, originated our ground music – this drum music that is solid. The Caribbean influences that came with the guitar, with the merengue, the interference of romantic music, they all result in what Bailes da Saudade turned out to be”, says Layse.

Traditional rhythms, such as “carimbó”, were influenced by Caribbean music, through radio stations



TARSO SARRAF / O LIBERAL

Futuro: uma Amazônia multicultural

Se existe música amazônica da contemporaneidade é porque, certamente, existe a vanguarda. Já que o território é basicamente uma influência inerente, é possível dizer que mesmo quando há o intuito de produzir música focada em um público mundial, o artista da Amazônia leva na bagagem a exposição a um cenário carregado de expressões culturais, transpassadas por diversas influências que levaram a suas formações.

Esse desafio de representar a vanguarda da música paraense foi assumido por alguns artistas, entre eles, Gaby Amarantos em seu recente disco “Purakê”, descrito por ela como uma proposta de mostrar “uma Amazônia que é multicultural no futuro”.

Essa conexão entre o tradicional e novas referências também reflete no trabalho de Layse, em um movimento descrito por ela como de extrema importância, seja na experimentação ou manutenção de saberes tradicionais.

“Um dos principais pontos que me ligam a isso dentro do meu trabalho hoje em dia é o fato de eu estar conectada com esses mestres da cultura, participando de alguns eventos de cultura popular com eles. Eu sendo da nova geração e eles da geração deles. Não é uma forma de eu ensinar como faz a nova música paraense, é a gente criando um jeito de misturar a tradição com as novas influências que vem chegando pra nós”, conta Layse.

Félix, por outro lado, destaca nomes que também podem representar a linha de frente de uma música contemporânea e também de vanguarda, ao lado de Gaby Amarantos.

“Falando da Amazônia do futuro, eu acho que é uma forma moderna de encarar a música com a influência do interior, com a influência da dança, que é uma coisa muito forte na nossa cultura aqui, do baile. Tem aparelhagem, tem a lambada, tem o carimbó, que tem a guitarrada[...]. Tem muitos artistas que fazem uma coisa diferente, entre eles, Strobo, Bando Mastodontes, Móvil Lunar, Dois na Janela. São bandas que não necessariamente fazem música regional, mas têm a pegada deles, tem a mistura deles, e é um assunto muito amplo, um assunto de bar para conversar horas e ter várias perguntas e várias respostas”, pondera Félix.



The Future Scene: a multicultural Amazon

If there is contemporary Amazonian music, it is because there is the unquestionable vanguard. Since the territory is basically an inherent influence, it is possible to say that even when there is the intention of producing music focused on a world audience, the Amazonian artist carries, in his luggage, the exposure to a scenario full of cultural expressions, permeated by various influences that led to their formations.

This challenge of representing the vanguard of Pará music was taken on by some artists, including the well-known singer Gaby Amarantos in her recent album “Purakê”, which she describes as a proposition to reveal, under an artistic perspective, “a multicultural Amazon in the future”.

This connection between the traditional expressions and new references is also reflected in Layse’s work, in a movement described by herself as extremely important, both in the experimentation aspect and in the preservation of traditional knowledge.

“One of the main reasons why my work is currently connected to it, lies in the fact that I am bounded to those masters of culture. I took part in some popular culture events with them. I represent the new generation and they represent theirs. I do not mean to teach them how new music styles from Pará are performed, instead, we manage to find a way to mix the traditional music and new influences that are reaching us”, says Layse.

Félix, on the other hand, highlights names that can also be representative as the edge of contemporaneous music and vanguard, besides Gaby Amarantos.

“Talking about the Amazon of the future, I think it is a modern way to face music with the influence that is coming from the countryside, besides the influence that is coming from the dance, which is something really strong in our ‘ball culture’ here. There is the aparelhagem [typical dance balls from Pará that plays music in huge technological speakers]; there are music styles such as, lambada, carimbó, guitarrada..., there are many artists who make different things here, such as Strobo, Bando Mastodontes, Móvil Lunar, Dois na Janela. Those are bands that do not exactly

play regional music, but they perform their own style, their own mix. It is a broad issue to chat about in a bar for hours, so you could ask a lot of questions and get a lot of answers”, says Félix.

play regional music, but they perform their own style, their own mix. It is a broad issue to chat about in a bar for hours, so you could ask a lot of questions and get a lot of answers”, says Félix.

New artists carry in their baggage the experimentation or maintenance of traditional knowledge

Novos artistas carregam na bagagem a experimentação ou manutenção de saberes tradicionais

Carimbo, bregoso, tecno e “ópera cabocla”



A cultura popular amazônica também sobrevive da resistência. O desafio número um dos mestres da cultura é perpetuar as tradições identitárias entre as gerações, o que se dá, muitas vezes, apenas oralmente e em um determinado território. O desafio seguinte é ter essa cultura difundida e valorizada para além das fronteiras do Norte do Brasil, superando o preconceito sobre a cultura de uma das regiões de maior abandono socioeconômico do país.

Pinduca, o Rei do Carimbo, de 84 anos, com 70 anos de carreira, enfrentou vaias quando começou a tocar esse ritmo regional nos bailes de Belém, capital do Pará, no início dos anos 70. “Carimbo era música do interior, ninguém aceitava na cidade. Era proibido tocar (carimbo) nos bailes e nas festas”, recorda.

O ritmo que Pinduca trazia para o centro urbano arrebatou o artista em uma estrada vicinal do município de Irituia, nordeste do Pará: “Eu ouvi um batuque pra dentro do mato. Eu e os músicos da minha banda fomos ver o que era aquilo. Havia um barracão com as pessoas dançando carimbo, chega todo mundo tava suado. Eu entrei, dei uma dançada no meio do pessoal. Isso foi o começo de tudo”, recorda.

Em 1973, ao lançar o primeiro disco, por uma gravadora de São Paulo, Pinduca surpreendeu ao anunciar que seria de carimbo. O disco ajudou a popularizar o gênero, que passou a tocar nos bailes e recebeu o estímulo da dança típica nas apresentações com dançarinos. “Os jovens começaram a dançar o carimbo (nos shows)”. Outros mestres do carimbo vieram se apresentar em Belém.

Pinduca lançou 40 discos autorais de carimbo. Em 2014, o ritmo foi reconhecido como patrimônio cultural e imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (Iphan). Em 2017, “No Embalo do Pinduca” foi indicado ao Grammy Latino como melhor álbum de raízes brasileiras. Pinduca faz shows por todo o Brasil, já tendo se apresentado em outros países latinos e também na França, Alemanha e na África. “O carimbo se tornou valorizado no Brasil e no mundo”.

A cantora Keila, de 30 anos, teve como referência a cultura da periferia de Belém. Aos 18 anos, despontou na composição e na dança como B-Girl (hip hop), assim como no grafitti e no skate no bairro do Guamá. Por oito anos, foi vocalista da Gang do Eletro, banda que exportou o som da periferia de Belém, como o tecnobrega, “a conexão do bregoso com a pegada eletrônica”, define. No palco, o ritmo ganhou uma forte representante do “treme”, uma evolução dos movimentos de dança das festas de aparelhagem. “É uma pena que o movimento não tenha se sustentado. O passo de dança periférico passa muita resesália”.

Keila iniciou a carreira solo em 2018, mantendo a energia e a performance de palco que a projetaram nacionalmente. Ela já se apresentou no Lollapalooza, em 2018, e no Rock in Rio, em 2019, além de festivais como South by Southwes (SXSW), dos Estados Unidos; Trans Musicales, da França; Global, na Dinamarca; e Lusotronics, na Alemanha. “Continuo produzindo músicas em conexão com os artistas e as periferias de outros lugares”.

A resistência deu à radialista Iracema Oliveira, de 84 anos, o título de mestre da cultura popular, pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Cultural do Pará. Ela é guardiã do Pássaro Junino Tucano, responsável pela salvaguarda desse folclore típico da periferia de Belém, que é um teatro popular musicado, típico de São João, com figurino elaborado, canções ex-



Carimbo era música do interior, ninguém aceitava na cidade. Era proibido tocar (carimbo) nos bailes e nas festas.”

PINDUCA
Rei do Carimbo

clusivas e enredo baseado na perseguição de um pássaro por um caçador. Acredita-se que a “ópera cabocla” surgiu na Belle Epoque, século XIX, inspirada nas grandes óperas do Teatro da Paz que eram inacessíveis aos pobres.

Além do pássaro, Iracema mantém um grupo de Pastorinha (auto de Natal) e um grupo para-folclórico. “Eu vivo em função da arte desde 1945, quando eu tinha 7 anos”, conta ela, que aprendeu com o pai, Francisco Oliveira. Atualmente, existem 15 grupos de pássaros juninos em Belém, sendo o Tucano um dos mais antigos, fundado em 1927. Dois grupos se estagnaram com o falecimento das guardiãs, tornando mais rara essa manifestação.

“A nossa vontade era de apresentar o pássaro junino o ano inteiro, mas não tem teatro”, lamenta. O Tucano possui 40 brincantes, entre crianças, jovens e adultos, o que dificulta a locomoção para as apresentações em outras cidades. “Não é só ter um grupo, é ter um trabalho social com as pessoas, tem que ter amor, se não tiver amor por essa cultura você não faz”. O Tucano se prepara para ter as suas músicas gravadas pela primeira vez.



EDMAR BARROS / FUTURA PRESS / AE



Festival de Parintins, no estado do Amazonas, onde se enfrentam anualmente os bois Garantido e Caprichoso

Parintins Festival, in the state of Amazonas, where annually the oxen Garantido and Caprichoso compete against each other

CONTEÚDO MULTIMÍDIA

Use um leitor de QR Code para acessar o conteúdo multimídia com vídeo, imagens e podcast.

MULTIMEDIA CONTENT

Use a QR Code reader to access the multimedia content with video, images, and podcast.



Parceria Institucional

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada de acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multisemioses.

Institutional Partnership

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multifaces and multisemiotics.



Carimbó, bregoso, techno and “cabocla opera” music styles

The Amazon popular culture also survives due to resistance. The number one challenge for the masters of culture is to perpetuate the identity traditions through the generations, since that occurs frequently just orally in a certain region. The next challenge to be accomplished is to be able to spread and value that culture beyond the borders of the north of Brazil, overcoming prejudice against the culture from one of the most socioeconomically abandoned regions in the country. Pinduca, the king of Carimbó, an 84-year-old musician, who holds a career of over 70 years, has faced boos when he first started playing that regional rhythm in Belém in the early 70s. “Carimbó was considered to be a rhythm from the countryside, nobody would accept that in the big city. It was prohibited to be played in balls and parties”, he remembers.

The rhythm Pinduca brought to the urban center thrilled the artist in a side road in the municipality of Irituia, northeast of Pará: “I heard a beat coming from the woods. I and the musicians of my band went to see what it was. There was a shack house where people were dancing carimbó so intensely that they were sweaty. I got in and I kind of danced a little bit with them. That was the beginning of it all”, he recollects.

In 1973, when Pinduca launched his first album, with a record company from São Paulo, he surprised everyone announcing it would be a carimbó record. The album helped to popularize the genre, which started to be played in balls and brought along the dancers to perform it. “The youths started to dance carimbó in our shows”, Other carimbó masters came to perform in Belém as well.

Pinduca has released 40 original carimbó albums. In 2014, the rhythm was recognized as a new item in the list of Brazilian cultural heritage, by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) [National Historical and Artistic Heritage Institute]. In 2017, “No Embalo do Pinduca” [Pinduca’s beat] was nominated to the Latin Grammy Award in the category “Best Portuguese Language Roots Album”. Pinduca performs all over Brazil. He has also made shows in other Latin and European countries such as France, Germany and even in Africa. “Carimbó has become important in Brazil and in the world”, Pinduca says.

The singer Keila, 30 years old, was influenced by the culture of the outskirts in Belém. At the age of 18, she emerged as a composer and dancer, as a “B-girl” (hip hop dancer) as well as a graffiti artist and skater in Guamá neighborhood. She was the lead singer for the “Gang do Eletro” band for 8 years. That band has exported the music from the outskirts of Belém, such as “technobrega”.

Keila defines that music style as “the connection of bregoso music and the electronic beat”. Reaching great popularity, the rhythm has made her a prominent representative of the treme music [literally, “shake it”] in the stages. Treme is an evolution of the dance performed in the aparelhagem parties. “It is a pity that the movement has not continued. The outskirts dance has fought against negative retaliations”, she says.

Keila started a solo career in 2018, keeping the same energy and the intense stage performance which have launched her nationally. She has performed in Lollapalooza music festival in 2018 and in Rock in Rio festival in 2019, including other festivals such as South by Southwest (SX-SW) in the United States, Trans Musicales in France, Global in Denmark; and Lusotronics in Germany. “I keep on producing songs connected to the artists and outskirts from other places”, she says.

The resistance has given to the radio broadcaster Iracema Oliveira, 84 years old, the title of Master of Popular Culture, by Ministério da Cultura [Ministry of Culture] and by Fundação Cultural do Pará [Culture Foundation of Pará]. She is the guardian of Pássaro Junino Tucano [June Tucan Bird], responsible to maintain that typical folklore from Belém peripheral areas. Pássaro Junino Tucano is a popular musical theater, traditionally performed in São João festivals [Saint Joseph / hillbilly festivities], commonly seen on the streets, with adorned costumes, exclusive songs and a plot based on a bird being chased by a hunter. It is claimed that this “opera cabloca” has started during the Belle Epoque historical period in the 19th century, inspired by the great operas in Teatro da Paz in Belém, which was not affordable to the poor people.

Besides the popular tradition of “Birds”, Iracema also manages a group of Pastorinha [Nativity play] and a group Pará-folclórico [Pará folklore]. “I live for the art since 1945, when I was 7”, she tells. She learned it all from her father, Francisco Oliveira. Currently, there are 15 groups of ‘June birds’ in Belém. The Tucan is one of the oldest, founded in 1927. Two groups have been discontinued due to the guardian ladies’ death, turning that kind of cultural demonstration even rarer.

“Our desire was to perform the Pássaro Junino Tucano during the whole year, but there is no theater available”, she regrets. The Pássaro Junino Tucano has 40 players, including children, young people and adults, which makes commuting difficult to other cities. “It is not about having a group, it is about promoting social work to the people, you have got to love it really, if there is no love for that culture you will not manage to preserve it”, Iracema states. The group is getting ready to record its songs for the first time.



Carimbó was considered to be a rhythm from the countryside, nobody would accept that in the big city. It was prohibited to be played in balls and parties

PINDUCA
King of “Carimbó”